

O PAPA RISO
ESCRITO EM 2009
BELO HOIZONTE MG

O Papa Risos
Copyright © 2016 por Valdemiro Mendonça
Todos os direitos reservados e protegidos pela lei dos direitos autorais.

Diagramação: Atila Alves Mendonça
Revisão e organização texto: Valdemiro Mendonça
Adaptação e organização da capa: Atila Alves Mendonça
Impressão e acabamento final: O Autor
<http://www.clubedeautores.com.br>
Imagem da capa: disco voador, autoria própria

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica elaborada por Valdemiro Mendonça

MENDONÇA, Valdemiro

O Papa Risos/ Valdemiro Mendonça – Belo Horizonte, 2016.
317 p.; 21 cm

ISBN:

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e referência de empresas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança é mera coincidência.

“O Papa Risos”

Subtítulo

Três vidas desastradas de um Trovador

Valdemiro Mendonça

“O Trovador das Alterosas”

Dedicatória

São tantas as pessoas a quem devo este livro que não caberia aqui todos os nomes. No entanto sempre temos alguém que não dá para deixar de citar. Da minha família, creio ter alguns que não sabem ainda desta minha aspiração de ser escritor. Tenho outros que sempre me incentivaram como meu filho Atila. Este sempre que eu dava um nó no computador, dizia; Tudo que o senhor atrapalhar eu conserto, vá em frente.

A filha Nalu. Anima-me e sempre tem uma palavra de conforto nas horas que mais preciso. Clenir a esposa que sempre tolera e desculpa os momentos que fica sozinha enquanto eu escrevo. Minha nora Rinara que diz: Não se preocupe, tenha as idéias, corrigir é outra história. Meu genro Wanderley Corrigiu muitos dos meus erros de português, e ainda sei que vai fazer mais.

A irmã Nilcéia: Tem a palavra precisa no momento exato! A irmã Lourdes “segunda mamãe da prole”, seu marido o Pedro e seus filhos minha irmã Dulce e os filhos. Aqui uma nota: Dedico este livro com um carinho especial aos meus irmãos Cide Dario e Milton e as suas famílias. Os três se foram, mas deixaram suas marcas que sobrevivem nos filhos. Onde estiverem... Se estiverem, vocês vivem, na minha mente.

À minha netinha Laura Lima Mendonça que veio trazer um novo alento na minha vida. Com todo o carinho do vovô.

A todos os meus amigos com quem convivi toda minha vida e me ajudaram participando das minhas histórias ora mirabolantes ora, tristes e às vezes dividindo os momentos de alegrias, os que eu não vejo obrigado, aos que vejo, “eu não disse que um dia teria o livro?”

Aos meus amigos virtuais que sempre leem meus escritos e me incentivam, são os blogueiros da Internet que fazem a diferença quando derrubam as barreiras da incompreensão e fazem-nos acreditar no amor, na amizade e que o mundo é bom, obrigado. Muitos destes amigos estão guardados no meu coração, não tenho como citar os nomes, mas cada um sabe a importância que tiveram na criação deste livro e na minha vida.

Existem duas criaturas que eu chamo de netas, de fadas madrinhas, de amigas e sempre me emocionaram com suas atitudes nobres, não apenas comigo, mas com o mundo virtual. Elas têm sempre uma palavra de conforto com cada um que vive o mundo delas, ou visitam o recanto dos sonhos que elas criaram na GI “Grasnde ikmprensa” Amale Wassef e Jacqueline Quintela! Este livro com toda a certeza ainda seria só um sonho, pedi que me ajudasse, a resposta foi imediata: Sim vô. E fizeram com amor, com alegria, com carinho, com amizade. A elas eu devo muito da realização de um sonho. Hoje não temos mais nossa querida Amale Wassef entre nós, mas este livro foi um sonho que ela e Jaqueline abraçaram e se não foi possível naquela época exatamente por ela ter partido, está sendo possível agora. Amale onde estiver se estiver, se não... Sua energia certamente estará entre às estrelas obrigado pelo tanto que você e Jaqueline me incentivaram.

Sumário

Caros leitores:

Quero agradecer de coração a quem comprar este livro, o autor Valdemiro Mendonça é pessoa simples, mas com uma vivência entre muitas culturas. Seus contos, no entanto, carregam a marca da simplicidade adquirida através do contato direto com trabalhadores de quem extraiu a essência para contar as histórias, às vezes divertidas como os contos aqui narrados e em passagens poéticas que traduz a alma do autor.

Histórias da época de uma juventude que não tinha muito tempo para o lazer sofisticado e aproveitava os raros momentos de alegria que uma vida pobre podia oferecer. Assim muitos contos nasceram de um acontecimento fugaz que ficou no pensamento e após os sessenta e dois anos e com aposentadoria modesta, estas lembranças serviram de lazer diminuindo o ócio e preenchendo o tempo de um homem que ama a poesia simples e a alegria natural do povo.

Claro que todas estas histórias têm um fundo de verdade, mas a imaginação e o bom humor é que dão a tônica para o enredo das situações desenvolvidas pela mente ativa de quem viveu mentiras e verdades, viveu o terror e a sublimação, inventou muito dos seus quinhões de felicidade e sentiu na pele a dureza dos lanhos sofridos no corpo, enquanto trilhava as veredas de uma vida de trabalho.

Os três primeiros contos formam a base do livro e são os mais extensos, mas não são cansativos. A leitura torna-se agradável e prende a atenção do leitor com trechos cômicos e situações que embora fictícias em sua maioria podem perfeitamente ter acontecido.

O primeiro conto e que narra à história da primeira encarnação do Trovador, foi escrito exatamente para descansar a cabeça dos leitores de problemas deste mundo tecnológico e onde é difícil imaginar uma pessoa vivendo numa floresta sem conforto e sem os meios modernos. Vão dizer que é muito juvenil, ótimo esta é a intenção, "afastar o pensamento do complicado mundo globalizado".

O título: "O papa risos" e subtítulo, "As três vidas desastradas de um trovador". Tem contos como: "A criação da mulher e Os deuses" que não tem qualquer tipo de desrespeito pelo autor a qualquer religião. Valdemiro Mendonça sabe que existe uma força que criou todo este universo e para ele esta força é Deus a quem ele sempre recorre nas horas de atribulação ou quando agradece o milagre da sua existência.

Trovador das cavernas

Nos tempos recuados da inteligência, nasceu numa certa tribo, lá para os lados das partes altas de onde é hoje as Minas Gerais, um pequeno e feio garoto que mais se parecia com um macaco branco do que um filhote de homem. Ainda bem, nasceu sem pelos, senão poderia até ser confundido com um sagui e assado na fogueira e servido de jantar para os irmãos troglós. Sua linda mãe uma troglodita charmosa e cheia de manhas, ficou meio espantada quando viu aquela coisa desengonçada, ficou lembrando com quem tinha se deitado tão feio assim para gerar aquele filhote mais feio que trovoadas em dia de tempestade.

Bem... Filhote é filhote, vamos cuidar do bichinho e esperar para ver se sobrevive. O tempo foi passando, o filhote crescendo e aos poucos ganhando formas mais parecidas com seus irmãos: “questão de convivência, que nem marido feio casado com mulher bonita, com o tempo os dois ficam se parecendo, ela só vai ficando feia”. Isto é um fato, é muito melhor ser feio do que bonito, a beleza com o tempo só vai diminuindo, e a feiura com o tempo só aumenta. Era difícil para o Trov, “nome do filhote” arranjar quem quisesse brincar com ele, seus olhos eram grandes e azuis, cabelo amarelo, era magro, mas não esquelético, tinha os peitos largos, as pernas esguias e os pés, credo, “brancos que nem pé de sapo”.

Como eles tomavam banhos todos os dias o Trov descobriu um meio de ficar mais parecido com os outros moleques da tribo. Ele rolava na lama, deixava o barro secar e depois esfregava até a sujeira grossa sair, ficando a pele escura. Até sua mãe passou a tratar dele com mais carinho, e assim ele foi crescendo sossegado, sem que os outros implicassem tanto. Quando completou a idade de provar que era adulto, ele foi viver só na mata, enfrentar as onças, queixadas, e todo bicho que aparecesse, além de se alimentar, ele tinha de cuidar das peles dos animais caçados para mostrar à tribo, depois de um ano vivendo só.

Ali, no meio da vasta floresta. Trov não tinha que se envergonhar da sua feiura. Tomava banho nas águas cristalinas dos riachos e cachoeiras, pescava e caçava, colhia os frutos e não precisava dividir com os outros meninos para que eles o deixassem brincar entre eles. Muitas vezes pensou seriamente em não voltar mais para a tribo, na solidão das campinas ou no escuro da mata, estava livre das zombarias, de quando todos os meninos começavam a gritar a toda altura que ele tinha olhos de peixe morto, pés de sapo verde e cabelo de cutia. Se ele reagia era atacado por todos e espancado sem piedade até que sua

mãe o acudia espantando, os trogumins com um pedaço de pau, mas mesmo assim ainda doía.

Sempre que isto acontecia ainda recebia castigo da mãe, por ter se voltado contra os meninos, às vezes ela o fazia ficar muito tempo no fundo mais escuro da caverna, sem comida, sem água e sem ver ninguém. Quando ela o deixava sair os meninos o recepcionavam com os gritos costumeiros e o único jeito de escapar, era embrenhar-se na mata, o que para ele foi bom. Enquanto os outros recebiam ensinamentos dos mais velhos de como sobreviver na mata, ele fazia o dobro, treinava vivendo a realidade dos perigos nela existente. Quando chegou à hora de serem mandados para: à murú, *prova de resistência*. Cada garoto com idade de dezesseis anos era designado para uma região em diferentes distâncias. O sábio feiticeiro era quem escolhia os caminhos e as tarefas a serem cumpridos, os pais ficavam junto com os filhos numa grande fila, quanto mais árdua era a tarefa, mais eles gostavam, pois, os filhos que recebiam incumbência difícil, se voltassem, eram tratados com respeito por todos da tribo e com direito a ter mais mulheres.

O primeiro da fila era filhinho de papai, filho do cacique Tup. Sua mãe era Dag, uma troglodita grande que batia no marido e todo mundo sabia, mas como o cara era chefe a tribo toda fingia que não sabia de nada, e pelas costas rolava o maior fuxico. Olha lá o cagão que apanha da mulher, lá vai o calça curta... Acho que não tinha calça, nem curta, nem comprida, lá todo mundo andava era pelado mesmo. Bem de qualquer maneira, ainda não tinham inventado tantas palavras como hoje e conversar fazendo mímica, era o maior saco. Por isto o caso não tinha mais falatório, mesmo assim, era conversa em toda rodinha de mais de três indivíduos. A orelha do cacique vivia queimando!

O feiticeiro disse: - você vai para o alto da Ita Una e terá que trazer a pele de um veado mocho. “veado sem chifres” e deverá voltar em duas luas grandes e será declarado homem com direito a uma esposa velha. Os pais e o garoto pularam de alegria, ter esposa experiente na primeira vez, era a glória suprema. Claro que o pai dele que era chefe e rico molhou a mão do feiticeiro dando-lhe três panelas de barro das muitas que ele tinha. Ninguém contestou, o feiticeiro era dono de poder até maior do que o chefe em certos casos. O chefe mandava mesmo, era na arte de fazer guerra, em assuntos de medicina, religião, casamento e assistência social, o bam - bam- bam era o sábio feiticeiro, do tipo: falou, sacramentou.

O segundo a se apresentar perante o pajé, foi um sobrinho filho da sua irmã fog, também pegou moleza. Ouviu do pajé:
- você vai para o lado que nasce o sol, viajará quando ele aparecer e andaré até quando as pernas da noite o alcançar. Deverá caçar um filhote de papagaio louro e o trará de presente para seu tio. Viverá lá e voltará quando a lua

grande aparecer duas vezes. Quando voltar, se trouxer a encomenda, poderá escolher uma esposa de meia idade.

Ninguém contestou, dava um trabalhão pegar filhote de papagaio louro, pois eles faziam os ninhos nos ocos dos paus que tinham abelhas redondas quando elas ferroavam o ferroadado se borrava todo de tanta dor.

Esta escolha também foi muito festejada, uma esposa de meia idade sabia muitas coisas e além de que podia gerar filhos. Com a vantagem de ele poder escolher entre muitas viúvas que tinham perdido os maridos nas caçadas e escaramuças com guerreiros de outras tribos e ficavam vivendo de favores dos parentes e passavam o maior minguê. Quando o feiticeiro ditava o prêmio, as mulheres de meia idade já começavam a encher o garoto de mimos, cada uma querendo agradar mais para ser a escolhida. A fila foi andando e mais quatro garotos tiveram suas tarefas e lugares definidos, todos foram mandados para distâncias máximas de um sol de viagem. Trov foi o sétimo e último da fila e como não tinha pai definido, para não dizer que era filho de puta, recebeu sua incumbência, a mais difícil... “Era de encomenda para ele não voltar mais, eles queriam era se livrar do feio”.

O pajé disse fazendo uma cara fechada e de desprezo:

- você vai andar em direção de onde vem o grande rio tub-pá até onde ele encontra com o rio Pac-Tú e terá que trazer o dente da onça branca. O dente terá que medir o tamanho da minha mão aberta, isto valerá a você escolher uma esposa jovem. Se trouxer uma placa do Jatí-biú poderá escolher uma esposa de meia idade, mas terá que ficar por lá até quando a lua grande aparecer o tanto de dedos que você tem nos pés e em uma das mãos. A mãe achou que estava bom, pois, se ele conseguisse voltar, não importaria sua feiura, ele seria respeitado e ela passaria a ter condição de requerer marido, coisa que ela não tinha direito por ter ficado prenhe sem saber quem era o macho. Assim, como era costume: no outro dia nos primeiros alvares da manhã, ela acompanhou Trov por boa parte do caminho e se despediu com a recomendação carinhosa de uma mãe: “traga o que o pajé pediu ou não volte aqui para envergonhar sua mãe”. Não nesta mesma ordem, o rapaz partiu meio triste, mas sem chorar.

Trov caminhava um pouco desiludido, pois, era feio, mas não burro. Percebeu que todos queriam se livrar dele só por ele não ser igual aos outros, mas muitas vezes tinha visto seu reflexo nas águas límpidas do lago da cor do céu e não se achava tão feio. Era diferente, mas forte, tinha os dentes brancos e bem mais alto do que seus parentes da tribo. Aos poucos foi enlevando-se com a beleza da mata na margem do rio onde os bichos de toda espécie se alvoroçavam à sua passagem, pássaros de plumagens coloridas e canto mavioso que ele imitava em assobios tão perfeito que eles o seguiam enquanto caminhava. Caminhou o dia todo sem parar, não se sentia cansado, quando a

tarde começou a tingir de sombras as fraldas das montanhas, ele parou e mergulhou no rio e se lavou. Na margem colheu os frutos dos pés de goiabas, abundantes naquele local. Subiu num pé de ingá e também comeu os bagos maduros e doces tirados de suas vagens.

Sabia que não choveria naquela noite, por isto cortou quatro folhas jovens de palmeira e tramando alguns galhos finos na parte mais alta do pé de ingá e projetada para cima das águas do rio. As folhas colocadas a guisa de teto evitavam o sereno molhá-lo e à sua velha pele de onça. Única vestimenta para, aquecê-lo e que o povo da sua tribo acreditava que outras onças não se aproximariam, pois, era de um macho e o cheiro fazia os outros animais se confundirem e se afastarem embora não fosse muito confiável o recurso era muito usado pelos da sua tribo.

Quando a noite caiu deitou-se e antes de ser vencido pelo sono contemplou os olhos dos bichos que ficavam no céu. Eram tantos que ele não conseguia vê-los de uma vez, todos piscavam e ficavam acordados à noite toda e só dormiam de manhã como explicava o velho feiticeiro. De vez em quando um bicho descia para a terra e era mais um bicho que vinha se juntar aos outros, deixando um rastro de fogo por onde passava. Dormiu e sonhou com o grande jati-biú, sonhou com sua mãe e com as vezes que ela fazia um cafuné e o mimava com palavras doces, até ele dormir no seu colo.

Acordou com a algazarra dos bichos saudando o novo dia, permaneceu quieto, era assim que os mais velhos ensinavam: “quando na mata, ao acordar permaneça quieto até ter certeza de que nenhum bicho está de tocaia”. Quando o dia ficou totalmente claro ele se moveu lentamente, examinou a própria árvore, depois olhou os arredores, de cima do galho fez suas necessidades e se limpou com gravetos e folhas, olhou novamente para todos os lados e depois desceu indo banhar-se nas águas limpas da margem do rio. Era outra estratégia, evitar que o corpo exalasse muito cheiro para não atrair predadores. Os mais temíveis eram as panteras que estavam em toda parte, mas como tinha muita caça e elas já tinham suas presas favoritas, só atacavam se fossem acuadas ou estivessem com muita fome, mas eram traiçoeiras e mereciam cuidados constantes.

Depois de comer goiabas, viu uma ave marinha se assustar quando ele pisou num galho seco provocando um estalido. Ela voou e ele foi até o local e descobriu-lhe o ninho cheio de ovos grandes. Fez uma lauta refeição e quando terminou, tomou água do rio e recomeçou sua caminhada, sempre com atenção e evitando caminhar por baixo das árvores, seguiu a margem do rio onde era fácil caminhar. Às vezes sobre pedras ainda frias ou a areia macia, às vezes parava para contemplar pequenos animais que nadavam ou caminhavam como ele e pastavam a relva verde da beira do rio.

Sua lança curta ficava pendurada por uma corda junto com a pele surrada de onça na altura dos ombros e encaixada entre as omoplatas. Na mão direita carregava um porrete em forma de clava que ele sabia manejar com destreza em caso de perigo imediato. Na cinta também segura por uma tira de pele, tinha sua faca feita de pedra dura e cortante, engastada num cabo de osso. Na mesma tira um saquinho de peles onde carregava pedra de fogo e algodão de paineira que ele ainda não tinha usado, pois, sua alimentação até então era de vegetais, raízes, frutas e brotos que ele conhecia.

Caminhou por vários dias sem nenhum incidente, nenhum susto com animais ferozes, e sua memória ainda não tão desenvolvida, substituía as imagens da tribo pelas novas imagens que ele ia descobrindo. Assim durante o dia nem se lembrava das pessoas e até a imagem da mãe deixava sua cabeça, preocupado com a sobrevivência e os perigos da viagem que merecia toda sua atenção. Num dos meandros do rio, onde ele fazia uma curva maior, a encosta era de um paredão de pedra muito alto e chamou a sua atenção. Uma furna no alto da pedreira com acesso difícil, mas que ele curioso e usando toda sua grande energia de jovem, alcançou com facilidade.

Ao entrar na caverna ficou maravilhado com o espaço interno, limpo e com a entrada pequena e uma grande abertura em forma de ravina da altura de uma grande árvore formando um pátio de largura maior que seu próprio tamanho e comprimento de duas árvores grandes. Era muito clara devido ao sol entrando pelo teto bem mais largo do que o fundo. A caverna tinha dois pavimentos, um certamente se alagava quando chovia e o excesso de água saía pela entrada de forma redonda, mas com um canal que ficava abaixo do nível por onde se escoava. Com alguns pedaços de madeira folhas de palmeira e cipós poderia improvisar uma porta que manteria a entrada fechada para visitantes noturnos.

De frente a esta caverna, num plano superior da altura do seu peito, ficava outro salão formado pelas águas de muitas chuvas que aos poucos se desviou. Foi solapando a outra parte, ficando esta caverna que era um abrigo perfeito para até uma família na quantia dos dedos dos pés e das mãos de duas pessoas. Era antes do meio dia e ele voltou satisfeito para a beira do rio, tirou sua lança curta entrou na água e ficou acorado com ela em riste e pronta para ataque. Sua imobilidade fazia dele parte daquele ambiente, as águas contornavam suas pernas fazendo um pequeno murmúrio e era como uma carícia na sua pele. Ficaria assim por muito tempo sem se incomodar.

Não foi preciso esperar muito, naquele tempo o rio tinha tantos peixes que ele se deu ao luxo de escolher o que queria. Talvez por sua sombra um taó, *para nós surubim* de uns quatro quilos parou e ficou com suas

nadadeiras se mexendo sem sair do lugar. Neste instante, como um raio a lança desceu e atravessou o corpo do peixe ficando-se no fundo do rio, ele esperou até o taó ficar quieto depois o tirou. Rasgou sua barriga tirou suas entranhas, tendo o cuidado de ficar fora da água, pois o sangue e o cheiro do peixe atraíam as ferozes piranhas. Depois do taó limpo, pendurou num arbusto bem alto que ele vergou e foi cortar folhas de palmeiras catar pedaços de bambus trazidos pela correnteza e cipó. Quando reuniu tudo, pegou o peixe e com certa dificuldade para transportar a carga subiu novamente para a caverna.

Num canto da ravina tinha muita madeira seca ele a ajuntou e foi empilhando em forma de cone. Tirou do saquinho a pedra de fogo e um chumaço de algodão, com a faca bateu na pederneira e as faíscas saltaram para o algodão e logo uma fumaça indicou que havia fogo. Assoprou e a chama ardeu, foi colocando pequenos gravetos e logo a madeira mais grossa estava queimando. Enquanto esperava a fogueira se transformar em brasas, foi preparando os pedaços de bambu, cortava um pouco e quebrava no tamanho que ele medira do diâmetro da entrada, com uma sobra de um palmo da sua mão de cada lado. Depois de cortado quatro pedaços, os amarrou com o cipó e teceu sobre eles as folhas de palmeiras, um trabalho artesanal que todos na tribo tinham conhecimento. Quando terminou, experimentou na abertura e sorriu satisfeito, pois, nenhum animal o incomodaria durante o sono, nem mesmo morcegos, já que na caverna não tinha fezes.

A fogueira já estava com muitas brasas, ele atravessou um arbusto verde que trouxera de lado a lado do taó e usando duas pedras como apoio, colocou o peixe para assar. Do seu bernal de couro, tirou sementes de fuzí “urucum” e moeu com o cabo da faca o transformando em pó que espalhou sobre todo o peixe. Saiu de novo, desta vez com o bernal vazio após mergulhar e espremê-lo várias vezes a guisa de limpeza encheu de água e retornou á caverna, levando também algumas folhas de inhame.

O peixe estava tomando a cor vermelha do urucum e o cheiro estava ótimo, foi virando o assado até que ficou como ele gostava. Comeu até se fartar, depois bebeu água, apagou o fogo deixando um tronco de bom tamanho se queimando, assim ele teria fogo sem necessidade de usar a pederneira, enrolou o restante do peixe nas folhas de inhame. Depois de ajustar a porta da sua nova morada, saiu para conhecer os arredores e viu muitas frutas, cortou um cacho de sis... “bananas” já amadurecendo, pegou frutas de magar, *conde* e quando a tarde estava já para escurecer, retornou à caverna tapou a entrada, reavivou o fogo e naquela noite dormiu sem receio e sonhou com a mãe lhe fazendo cafuné.

Nos dias que se seguiam, caçou vários tipos de animais pequenos para variar a alimentação e melhorou as condições da sua morada, fazendo uma cama macia com capim. Improvisou uma vasilha com varetas de pau trançada com cipó e depois calafetada com barro amassado para dar boa liga. Depois de secar ao sol ele a queimou com cuidado até formar uma crosta vítrea e nela armazenava a água que ficava sempre fresca e ele não precisava descer ao rio quando tinha sede. Aos poucos foi aumentando a distância das suas excursões e às vezes dormia nas árvores, por uma e até duas noites e regressava novamente para a caverna.

Numa destas jornadas que ele já estava para completar três noites dormindo nas árvores, ele avistou o encontro das duas águas. O rio agora tinha ficado ainda maior e curioso ele o seguiu. Ia atento olhando tudo com interesse e feliz por saber que tinha alcançado à meta estabelecida pelo pajé e de repente ele parou, escutara o som de conversa de pessoas, eram vozes finas como de crianças e mulheres. Foi se aproximando pelo meio do mato até avistar as pessoas, eram muitas mulheres e crianças e ele ficou com a boca aberta quando viu que todos eram feios e parecidos com ele. Brancos com cabelos cor de sis madura. Ficou ali sem saber o que fazer, não entendia o que eles falavam, mas entendia quando gesticulavam. Tinha medo de se aproximar, mas, não conseguia se afastar, em dado momento soou uma buzina e todos saíram da água.

Surgiram vários homens altos e parecidos com as mulheres, depois de falarem com elas todos formaram um fila e subiram pela margem do rio. Trov curioso foi atrás deles, se escondendo e tomando cuidado para não ser visto, o grupo deixou as margens do rio e se dirigiu para uma grande pedra, até chegarem ao sopé onde havia uma grande caverna. A tarde já estava no fim e trov se afastou até que avistou uma árvore com boa altura e bem copada, fez as necessidades e subiu para os galhos altos onde trançou alguns ramos e passou a noite, custou a dormir pensando no povo que ele vira.

No outro dia, acordou antes dos pássaros, ansioso esperou o dia ficar claro para que ele pudesse descer da árvore. Após os cuidados de sempre desceu e foi para o rio. Lá fisgou um peixe com sua lança e comeu a carne crua até saciar a fome, depois de tomar água, jogou o resto do peixe no rio e tomando os mesmos cuidados voltou às fraldas da pedra grande para espiar a tribo de gente feia. Passou três noites naquela observação da tribo, cada vez ficava mais curioso vendo os garotos brincando, as mulheres nos seus afazeres diários e os homens saindo e voltando com alimentação. Decidiu retornar a sua morada, por que estava armando chuva e na caverna estaria mais confortável.

Choveu quase de uma a outra lua grande, entre uma estia e outra ele foi melhorando as acomodações da furna, fez uma esteira grande de folhas de palmeiras e improvisou uma espécie de quarto onde ficava mais aquecido. A noite mantinha uma boa quantidade de brasas que dava certo conforto. As cores do carvão aceso mudando de tonalidade o alegravam e era uma companhia agradável, pois de vez em quando um estalo entre o braseiro fazia voar mil fagulhas que ele comparava com o brilho dos olhos dos bichos do céu da noite. Poucas vezes agora se lembrava da sua tribo e até a figura da sua mãe estava distante do seu mundo atual, suas marcas na caverna indicavam que já tinha se passado três luas grandes e mais uma se aproximava, sentia-se dono do seu destino, não tinha medo, era um guerreiro.

Quando a chuva se foi e ele sabia que demoraria a voltar, tapou a entrada da caverna, disfarçou com alguns pedaços de madeira velha, pois, se algum guerreiro da tribo que ele vira, viesse para aqueles lados e o avistasse, certamente o emboscaria e o mataria. Numa manhã bem cedo partiu percorrendo à distancia até a caverna da tribo que descobriu em três dias. Estava ansioso para espiar a tribo de gente feia como ele. Sua pouca experiência o traíram, um dia depois de ele ter se afastado, uma malta de guerreiros da tribo feia passou pelo local onde ele estivera espionando, para guerreiros experientes era como se tivesse estado ali uma manada de queixadas, tanto eram os sinais deixados por ele. Foi assim que logo que ele chegou e se aboletou na pedra onde sempre se deitava de bruços para espreitar, sentiu mãos fortes o agarrarem e embora lutasse para se livrar, a força dos guerreiros era muita e ele se viu subjugado e amarrado com tiras de couro e ponta de lanças curtas o obrigaram a andar em direção a caverna da pedra grande.

Os guerreiros faziam algazarra, gritando palavras que lhe eram desconhecidas, sentiu que ia morrer, mas não tinha medo, a morte era coisa bem aceita, pois, tudo morria e ele também se não morresse ali, um dia iria fechar os olhos e não acordar mais. Quando chegaram perto da entrada da caverna, uma centena de pessoas feias saiu ao encontro deles e a gritaria foi ensurdecadora, crianças e mulheres a puxar-lhe os cabelos e beliscavam sua pele com unhas afiadas que o fazia sangrar, uma menina que parecia ter um pouco menos que sua idade, era a pior.

Enquanto todos beliscavam suas pernas, dorso, rosto e bunda a danada vinha e puxava seu pinto, com tanta força que quando ela soltava fazia um barulho ao voltar e bater contra seu corpo. Fez isto umas três vezes e na quarta, ela agarrou suas bolas e puxou e apertou com tanta força que ele pela primeira vez gritou, foi uma algazarra geral e ele se arrependeu por ter gritado, imediatamente todos os meninos e meninas passaram a disputar seu pinto para uma puxadinha, o bichinho já estava ardendo e sentiu que logo ele estaria

sem pele, por isto mesmo e também por que a dor agora era em todo lugar, ele não gritou mais nem mesmo gemia.

Nisto chegou um guerreiro com uma ossada de cabeça de queixada enfiada na própria cabeça, com as grandes presas parecendo se projetar da sua boca, vestia uma pele de onça na cintura de forma que suas genitálias ficavam protegidas, era alto e forte tinha na mão direita uma abobora seca, cheia de conta de lágrimas em volta e dentro certamente havia pedrinhas estava hasteada num pedaço de osso e quando ele girava-a ela emitia o som de chocalho de cobra, quando ele sacudiu o instrumento e gritou algumas palavras os presentes ficaram em silêncio, mas a peste da garota de cabelos cor de banana madura e dentes muito brancos ainda deu mais uma esticada no seu pinto todo esfolado, levou um pito do feiticeiro que pelo jeito, não gostava de ser desobedecido, um guerreiro que estava perto dela deu-lhe um tapa na cabeça e ela saiu correndo e xingando até a quinta geração do indivíduo e todos riram as suas custas.

Novo silêncio e o homem do chocalho, se dirigiu a ele, mas ele não entendia, o homem fazia perguntas ele ficava calado e levava com a abobora na cabeça, até que ele resolveu e mais para desafiar o feiticeiro do que para se comunicar, desfiou um rosário de palavras sem muito sentido na sua língua, o feiticeiro ficou prestando atenção e quando ele terminou, viu o cabeça de porco confabular com outros guerreiros mais velhos e logo um deles entrou na caverna e trouxe uma mulher de meia idade que tinha a aparência do povo da sua tribo. O feiticeiro confabulou com ela e depois bateu na sua cabeça com o chocalho, ele percebeu que o outro queria que ele falasse. Desta vez ele falou algumas palavras, mas se referindo a sua tribo, a mulher entendeu e ficou pulando no mesmo lugar e rindo parecendo feliz, o feiticeiro novamente a interrogou e ela depois de responder e ouvi-lo se voltou novamente para ele e disse: - de onde você vem? Ele respondeu que era da tribo do povo bonito e ela de novo começou a pular e levou com o chocalho na cabeça. O pajé conversou de novo com a mulher e ela lhe perguntou de novo: - por que você estava espionando nossa caverna? Ele resolveu então contar toda sua história, não ia fazer diferença se eles o matassem e assim sem que ninguém o interrompesse, ele narrou tudo o que fez até eles o agarrarem.

Quando terminou, calou-se e depois de parecer estar analisando o dito por ele, viu a mulher falar na linguagem do pajé e notou que enquanto ele falava os que ouviam ficavam num silêncio profundo indicando uma disciplina que não existia na tribo do povo bonito. Quando terminou, os guerreiros mais velhos fizeram uma roda e se sentaram para deliberar o assunto, amarrado numa árvore com os punhos para cima, Trov era presa fácil para as crianças. Elas voltaram a atormentá-lo com os beliscões, mas tremeu na base mesmo foi quando avistou a menina loura dos olhos iguais aos seus.

Ela estava observando de uma reentrância de pedra a uma distância de uma árvore média, os olhos dela e a boca se remexiam quando olhava para ele. De repente ela disparou numa corrida em sua direção e ele antevendo o que ia acontecer gritou a toda altura, mas a endiabrada garota já se aproximara dele e antes de alguém a impedir ela agarrou suas bolas e puxou com força e no mesmo embalo ela continuou. Quase arrancou fora os seus ovos e o pinto, ele tinha certeza que uma boa parte da pele saiu na mão da peste louca.

A mulher da sua tribo veio em seu socorro e espantou os meninos e num gesto amigo deu uma olhada no seu amigo de baixo. Depois pegou óleo de algum tipo de vegetal e passou nas suas genitálias, sentiu um alívio imediato e agradeceu a mulher que depois disto ficou próximo a ele, guardando-o e ao seu maltratado pinto. Depois de algum tempo o pajé voltou, reuniu todos da tribo e falou durante algum tempo, depois mandou a mulher da sua tribo de pele parda e partes cabeludas repetir para o ele o que ela ouviu e mais algumas coisas. - O pajé disse que você é prisioneiro e ao tentar fugir será morto, eles entendem e respeitam quando um jovem está se preparando para se tornar homem, o fato de você parecer com eles evitou que fosse morto, mas não tente fugir. Ele anuiu concordando e o pajé usando uma faca cortou as tiras libertando-o, mas mandando-o entrar na caverna.

Sempre acompanhado da mulher da sua tribo, ele penetrou na caverna, estranhou... A caverna não tinha o mesmo cheiro da caverna do povo bonito. Cheirava a alecrim e compreendeu quando viu os feixes de alecrim amarrados a guisa de vassouras e usadas para limpar o chão. Notou que a distancia regulares havia um espaço delineado com pedras colocadas em círculos que ele não entendeu de imediato. Mas sentia o corpo todo ardendo pelos beliscões e não quis fazer perguntas, a caverna era enorme e só quando chegou à parte mais profunda é que a mulher o mandou parar. Mandou que ele se sentasse e ficasse quieto, saiu e voltou depois de algum tempo com uma vasilha de água e outra menor com alguma coisa dentro que cheirava a unguento. Ela foi passando água nos seus ferimentos e limpando o sangue seco, depois de lhe assear todo o corpo, ela aplicou o ingrediente da vasilha menor, sentiu que seu corpo se refrescava e mentalmente agradeceu a mulher por seus cuidados.

Quando terminou, a mulher começou a fazer perguntas sobre sua tribo, ele foi respondendo, já que ela tinha sido boa com ele, não via por que não tratá-la como amiga. Após dar detalhes dos seus irmãos bonitos, ela reconheceu os nomes de alguns mais velhos com alegria incontida. Quando ele lhe falou que sua mãe se chamava Dip, ela se levantou e iniciou um dança que se resumia a saltar sobre os próprios pés, levantando os dois de uma vez, numa série de pulos e depois fazia uma corrida formando uma roda e rodopiava o corpo por algumas vezes voltando a saltar novamente. Algum

tempo depois mais calma, tornou a se sentar e agarrou suas mãos e começou a esfregá-las na cabeça ao mesmo tempo em que falava com doçura e demonstrava sua alegria abraçando e lhe fazendo cafuné.

Quando finalmente ela voltou a falar, seus olhos tinham lágrimas e após dizer-lhe para esperar, saiu novamente e depois de algum tempo retornou com um guerreiro alto e muito forte que ela puxava pela mão. Atrás vinha o pajé e mais alguns guerreiros velhos e mais atrás quase toda a tribo, foi fazendo uma grande roda e sentando-se ou de cócoras esperavam o desenrolar de alguma coisa que parecia de suma importância. Quando todos fizeram silencio absoluto, ela começou a narrar o que sabia sem que ele entendesse, pois ela falava na linguagem do povo feio. Quando terminou, o guerreiro que ela trouxera repetiu os mesmos gestos de alegria com as palavras carregadas de grande emoção, os companheiros, mulheres e crianças começaram uma grande algazarra comemorando.

Como não entendia, ficou um pouco assustado e parece, percebendo isto, o pajé falou com todos e pediu para se retirarem. Permaneceu só ele, a mulher, o guerreiro e o pajé que deu instruções à mulher e depois deixou que ela falasse permanecendo junto ao guerreiro e prestando atenção, esperaram a mulher terminar. Ela disse: - há muito tempo os guerreiros desta tribo tinham um chefe mau e assaltaram a sua tribo que também é minha e mataram muitos dos nossos guerreiros roubando as mulheres para trazer como escravas para sua tribo. Quando duas noites depois este guerreiro, disse apontando para quem tinha trazido pela mão, que tinha raptado sua mãe, “minha irmã,” e se deitara com ela, descuidou-se e dormiu e ela tirando sua faca, cortou as cordas e fugiu para a mata. Não a encontrando no outro dia, os guerreiros partiram e agora sabemos que retornou para o nosso povo e com certeza prenhe deste guerreiro que eu creio e ele também ser o seu pai.

Quando terminou ele perguntou, como ter certeza, se ele não estava perto da sua mãe para perguntar? A mulher que se dizia sua tia falou ao guerreiro expondo a dúvida que ele expressara. Na mesma hora para seu desespero o brutamente que se dizia seu pai o agarrou com as grandes mãos e por mais que ele se debatesse ele o virou de bunda para cima e abriu suas pernas metendo a mão no seu traseiro. Trov arrumou o maior berreiro falando na língua do povo feio: - “blog log sorotog big tod mirigob e seletog vou traduzir só esta vez”: - mesmo sendo pai, pode tirar a mão do meu rabo, o pai respondia: - (bog log sorotog dea sá, sea sutante tea) tradução: note bem, rabo era a mesma coisa nas duas línguas com mínima variação. - Eu posso provar olhando se ele tem como minha família, uma pinta no rabo e depois de constatar a marca no rego da bunda do menino, parecendo um coração escarlata, ele virou o bundão para o lado dos outros e abrindo as bandas da bunda mostrou a mesma marca. Foi motivo de festejo para os três, menos o

menino que ainda não tinha entendido muito bem e depois que sua tia explicou, fez que nem idiota quando demora a entender a piada, riu sozinho.

Depois de muito deliberar e explicar, ele entendeu e aceitou o que se decidira sobre ele. Teria que ficar na tribo duas vezes a quantidade de dedos dos pés e uma das mãos de lua grande para ter liberdade total e decidir se queria voltar a viver com a tribo do povo bonito. E assim ele iniciou sua nova vida, acostumando-se rápido com a nova família que mostrava ser muito superior à sua antiga tribo. Na limpeza, organização, nos meios de caçar os animais com armadilhas que ele, esperto, não só aprendeu como criou novo tipo mais eficiente que deixava seu pai orgulhoso e fazia dele um guerreiro respeitado. Mas no início, ainda teve um arranca rabo com a loura endiabrada. Quando um dia dormindo num dos locais cercado com as pedras e que demarcava o território da família do seu pai, a mulher dele, sua tia que o pai tomara a seus cuidados, três irmãs e dois irmãos pequenos que viviam com o pai. Acordou com a loura metendo a mão no seu pinto, ele deu-lhe uns tabefes e se armou o maior aranzel.

A loura com a cara queimando fugiu para seu canto e no outro dia era motivo de gozação de toda a tribo. Sua tia numa longa conversa com ele andou explicando os motivos da loura e ele apesar de ter entendido bem, ainda ficou com um pé atrás e não deu muita importância a loura. Mesmo por que a mulher sempre estava submissa ao homem e ele não podia nunca demonstrar fraqueza em relação ao sexo oposto. Com seis meses já falava e entendia a língua da tribo. Foi então designado para acompanhar junto com mais seis guerreiros e um líder, às mulheres ao rio onde elas além de pescar, lavavam as peles se banhavam e fabricavam panelas com o barro de boa liga tirado da margem do rio.

Assim, nos dias que as mulheres iam ao rio, ele junto com os guerreiros designados acompanhavam e cuidavam da segurança das mulheres. Cuidados mais por precaução, o barulho das crianças e mulheres espantavam os predadores, os mais temidos eram as grandes cobras, e os jacarés que volta e meia apareciam. Mas sendo água de correnteza e pedras, sempre apareciam em apenas um no máximo três animais que eram espantados dali a gritos e pedradas, onças eram vistas sempre, mas nunca se aproximava muito, de certo modo, o serviço era fácil. Quando as mulheres não desciam ao rio, eles podiam se quisessem juntar-se aos guerreiros que saiam à caça ou simplesmente em expedições para procurar rastros de invasores ao território.

Trov tinha se tornado um guerreiro muito forte e um pouco diferente dos demais guerreiros da tribo. Sua pele embora clara era um pouco mais acentuada e uma pelagem marrom cobrira seu peito dando-lhe um ar mais temível do que os outros, suas pernas também eram peludas, mas o rosto, em

comparação com os outros, era quase imberbe. De qualquer forma ele se distinguia dos outros mais por sua força e destemor. Os anos que ele ficou isolado dos outros garotos na sua primeira tribo tinham desenvolvido mais seu cérebro, pois sempre tinha de estar pensando em defesa, ataque e meio de sobreviver, procurava observar todos os animais, por isto sabia como se defender e atacar melhor, conhecia as manhas e jeito que: principalmente as onças usavam no momento do ataque.

Um dia desatentos prestando atenção nas brincadeiras das crianças, os guerreiros não viram quando uma pantera negra enorme estava pronta para atacar justamente a loura sapeca. Ela estava em cima de uma pedra já coleando e pronta para o bote, iria cair em cima da moça que estava num plano mais baixo atingindo-a na nuca com um golpe de sua poderosa pata que mataria a presa sem qualquer reação. Depois a abocanharia com suas mandíbulas fortes e pularia para a floresta onde numa questão de minutos, ninguém mais a alcançaria, quando se sentisse segura, subiria com sua presa para uma árvore e a devoraria tranquilamente.

Trov por algum motivo se sentia atraído pela loura, sempre estava mais perto dela, embora fizesse tudo para demonstrar falta de interesse e até desprezo pela garota, olhando quando estava certo de que ela não notaria. Assim foi que vislumbrou a cena do ataque da pantera e percebendo o perigo se atirou com a clava em riste, gritando e correndo em direção a moça assustada. Ela pensou que ele ia matá-la, ele atingiu o ponto onde ela estava antes da pantera, confusa com os gritos tardara por alguns segundos o salto. A moça apavorada pensando que ia ser morta se agachou e colocou as mãos na cabeça a guisa de proteção. Ele parou com suas pernas fortes e compridas de forma que o corpo da garota ficou entre elas e estacou.

Seus pés estavam bem firmes no chão e quando o corpo esguio, negro e com as manchas quase invisíveis quadriculadas num salto formidável veio em sua direção. Com sua clava na posição de golpe, ele foi preciso, a pesada massa encontrou a cabeça da pantera moendo-lhe o crânio, mas o corpo que se projetara com toda força não se desviou totalmente e o atingiu a cheio derrubando e ferindo seu peito profundamente fazendo o sangue sair aos borbotões tingindo de vermelho seu corpo, a garota e a fera que caíra sobre ele. Sem se importar com o sangue ele se colocou de pé novamente e com golpes potentes acabou de liquidar o animal, quando os guerreiros chegaram, o bicho estava já sem vida e ele com a mão comprimia o ferimento doloroso e profundo.

No mesmo instante, as mulheres mais velhas o agarraram e o levaram para a água lavando o ferimento enquanto outras corriam para o mato e logo voltavam com folhas que elas a golpe de pedra maceravam fazendo uma

massa pastosa e aplicando em cima da ferida. Como por encanto o sangue na mesma hora estancou e um coro de uga bug torobug e rusurug, foribug notbug e mintibug, que deveria querer dizer: este caboclinho é macho mesmo sô! Com o acontecido e como já estava próximo à hora de voltar, a comitiva imediatamente iniciou o regresso para a caverna, entre gritos de júbilo carregando o corpo da pantera e auxiliando Trov que passara a ser um herói.

Quando chegaram, outros já tinham se adiantado, e transmitido a notícia para toda a tribo que esperava e receberam os que chegavam com gritos e demonstrações de alegria, a moça salva pelo rapaz não se cansava de contar e recontar o feito do moço que se arriscara para salvá-la. Por três dias e três noites festejaram o garoto feio que de prisioneiro virou guerreiro de fama e coragem. A loura da pá virada, agora ficava aos seus pés olhando-o embevecida a endeusá-lo e rosnando para qualquer outra mulher que se aproximava dele, como o fato de ter sido salva por ele, a tornasse proprietária do herói, inconteste.

De certa forma isto era uma verdade e sua tia lhe explicou a lei. Quando um guerreiro fazia um favor relevante a uma moça, ele adquiria o direito de desposá-la e no seu caso tendo salvado a vida da moça ele tinha direito ao casamento sem pagamento de dotes e ainda com direito a receber presentes dos pais da moça. A conversa logo tomou ar oficial e seu pai que não cabia em si de orgulho do filho herói logo se ofereceu para acertar os detalhes do casamento se fosse vontade dele. Trov disse que sim e em dois dias o casório estava acontecendo. Kiví a loura não cabia em si de contente e trov também estava eufórico com os acontecimentos.

O casamento era um ato simples, consistia em gestos sem palavras, em dado momento a mãe da moça colocou as mãos na cintura de Kiví e a empurrou na direção de Trov, o pai do noivo fez o mesmo até que os dois encostassem as barrigas um no outro. A seguir a mãe segurou os braços da noiva e enlaçou o pescoço do noivo, o pai também guiando as mãos do filho fez com que ele cingisse a cintura da moça. Feito isto os noivos esfregavam os narizes por três vezes bem devagar um ao outro e depois se deram as mãos e correram três vezes em volta dos assistentes. Quando terminaram, se abraçaram de novo e repetiram o esfrega nariz, logo o pajé declarava em alto e bom som. - kega kig koda kudi, “estão casados e sacramentados”.

O povo então fez uma ovação e a partir daí todos cumprimentaram e deram presentes aos recém casados e deram início à festa que durou três dias. Com boa comida, bebida feita de raiz de mói “mandioca”, mel e frutas, carne de todos os tipos. Danças ao som de tambores e flautas tocadas pelos artistas da tribo do povo feio e que encantaram Trov que até então não conhecia música a não ser dos pássaros e grúidos ritmados na voz da sua mãe quando o

acalentava. Quando a festa estava no auge de animação o pajé pediu a atenção de todos. Liberou os nubentes a se retirarem para a toca destinada a todos que se casavam. Uma espécie de suíte onde os noivos tinham saída livre para fora da caverna e não eram perturbados pelos outros componentes da tribo. Durante o mês de lua de mel, recebiam frutas e carne já preparada, água fresca, mel e ervas aromática, podiam sair e dormir fora da caverna se assim quisesse, mas com tanta mordomia, eles saiam apenas para ir nadar e se amarem no rio depois retornava à caverna.

Na primeira noite Trov estava meio desconfiado da loura sapeca, mas iniciou os procedimentos de amor sem receio, pois, agora era um guerreiro forte e saudável na plenitude dos seus dezoito anos e dono de um físico invejável. Não tinha que ter medo de uma mulher frágil mesmo atrevida como a loura. Deitaram sobre uma porção de peles macias e aconchegantes, bem estendidas sobre a cama de penas perfumadas, com flores cheirosas e preparadas pelas mulheres mais velhas que faziam de tudo para que a noite do casal fosse feliz e inesquecível.

“Cachorro mordido de cobra, pode amarrar com linguça que ele morre de fome, mas não come”. Bem... O quadro muda, se a cobra pedir desculpas. Foi assim que de um simples esfrega nariz a nariz, o moço foi escorregando, fazendo círculos audaciosos no rosto, pescoço e explorando tudo, decorando o cheiro, a língua sentindo o gosto. De repente a loura levou a mão em direção ao blag bigót “pinto duro” do caboclo e ele segurou a sua mão com presteza, mas entre sussurros e afagos, narizinho esfregante e língua lambente, Trov relaxou. Ela tomou conta mostrando que sabia ser uma mulher capaz de levar um homem ao paraíso.

Levou ao paraíso sim... Umas mil vezes os dedos dos pés e das mãos de uma pessoa, era só o que se ouvia: eg – teg – reg – gub – dog – pig, tradução: - eu quero é mais, vem que tem Kiví, - to indo Trov. Quando terminou a lua de mel, começou a lua do peixe, os dois ficavam o dia todo no rio, na maior safadeza, foi preciso o pai e a tia intervir, os dois já estavam que era só ossos e foi preciso ameaçar os dois de isolamento para eles manerarem na coisa, senão era capaz, de tanto se usarem, sumirem, gastos pelo uso indiscriminado. Os dois ficaram sendo vigiados dia e noite, à noite a tia deitava-se entre os dois para separar, mas na terceira noite desistiu, o trove já estava era querendo pegar a tia mesmo. Ainda bem que Kivi começou a ficar enjoada e passou a sentir dores de cabeça, Trov então meio desgostoso teve que ir se acostumando, acabou aprendendo que mão tinha outras utilidades além de segurar coisas.

Quando o Trovic nasceu, foi festa para uma semana e quem mais festejou foi o Trov, pois sua bela e fogosa loura logo ficou no ponto de novo.

Recomeçaram em seguida com toda a força, os embates amorosos, que levaram seu pai a tomar a decisão de reunir o conselho e conseguir permissão para Trov viajar com uma comitiva de muitos guerreiros, sua tia sua esposa e ele próprio. Iriam com a missão de fazer um pacto de amizade com o povo bonito. Povo bonito, assim chamado, pois não havia um padrão de beleza específico para cada tribo. O que ocorre é que a tribo onde nasceu Trov era de pele escura e peluda como macaco. Como todos os bichos tinham uma proteção para a pele, como os peixes, escamas, os mamíferos tinham pelos e as aves penas, a tribo do pai de Trov fugia ao padrão natural. Eram pelados e de pele da cor de ouro quando queimada de sol ou branca se o indivíduo vivesse sem tomar sol.

Trov procurou o pajé e lhe falou dos presentes que o feiticeiro da tribo de sua mãe lhe pedira que ele lhe levasse pela sua murú. O pajé disse-lhe: - não existe mais por aqui o grande Jat-biú, e nem a onça branca, que desapareceram para as grandes florestas fugindo do homem, mas eu tenho placas de Jat-biú guardadas pelos meus antigos feiticeiros e também dentes da onça branca. Você provou ser grande guerreiro e eu lhe darei os presentes, levando trov pela mão, afastaram-se da grande caverna e depois de algum tempo, entraram numa pequena gruta. O feiticeiro lhe deu o que queria tirando do meio de uma porção de bugigangas ali guardadas, Trov agradeceu ao pajé, sem ele teria sido impossível terminar sua murú. Ele ficou pensando quão pouco sabia o povo da tribo da sua mãe.

Acertado a quantidade de guerreiros que iriam levar, os presentes e o dia da partida, a tribo ficou no aguardo e preparativos deixando Trov e Kiví à vontade. Finalmente numa manhã de sol, acompanhados por boa parte da tribo por um bom trecho a guisa de despedidas, a comitiva partiu deixando para trás muitas saudades de quem ficava. Quatro dias de caminhada e três noites dormindo em acampamentos ao ar livre junto às fogueiras e com guardas em sistema de troca de turno, eles chegaram ao sitio onde ficava a caverna encontrada por Trov.

Passaram ali descansando durante dois dias e partiram novamente. Reiniciaram a jornada que durou mais dez dias contado nos dedos da mão, ou na quantidade de seixos colocado numa cumbuca, que começaram a ser colocados no início da viagem e seria entregue ao pajé no dia que retornassem à grande caverna da tribo. Quando estava a meio dia distante da caverna do povo bonito, já foram avistados. Os batedores que estavam caçando enquanto inspecionavam o que consideravam seu território, imediatamente mandou avisar ao povo bonito, enquanto alguns ficaram e foram seguindo o povo feio.

Aos poucos tiveram certeza de que os visitantes seguiam direto para a caverna do seu povo, correndo entre o mato se adiantaram e chegaram à

aldeia com bom tempo de antecedência aos visitantes. Deram as notícias ao mesmo tempo em que faziam considerações sobre os visitantes que não pareciam vir em missão hostil, embora fossem grandes. Os guerreiros eram poucos e havia uma mulher da tribo dos bonitos junto, isto fez o pajé ficar curioso e junto com alguns guerreiros mais velhos da tribo se adiantaram e ficaram há margem do caminho escondidos num plano elevado sobre uma grande pedra aguardando o aparecimento da comitiva invasora.

Os guerreiros do povo feio, já tinham percebido a presença do povo bonito, mas avançavam sem demonstrarem medo, quando os guerreiros se mostrassem, eles fariam os cumprimentos de praxe. Depois das respostas eles anunciariam o porquê da visita. Um guerreiro dos mais velhos reconheceu a mulher que estava com os visitantes, outro reconheceu Trov, então o pajé e o cacique Tup resolveram se mostrar. Os guerreiros apareceram todos de uma vez e por todo lado se viam as carantonhas peludas dos guerreiros, mais de duzentos, se fossem lutar, embora o povo bonito fosse grandalhão, a horda de guerreiros os trucidariam rapidamente caso resolvessem atacar.

Os riscos eram muitos, pois, se matassem os visitantes, além de sofrerem consideráveis baixas, corriam o risco de os feios enviarem os outros e aí viriam as centenas e arrasariam a tribo toda. Por isto a ordem fora apenas para se mostrarem e aguardarem. Depois de mandarem os guerreiros fazerem alto, Trov se adiantou com a mão direita levantada em sinal de paz. Quando chegou a uma distancia de uma árvore média, do pajé, ele fez as saudações revelando o nome e explicando que estava ali em missão de paz e trazia presentes para a tribo do povo bonito. Fez um sinal mandou sua tia se aproximar e então numa cantilena longa, mas sem ser interrompido ele narrou toda sua história desde que tinha deixado a terra da tribo para sobreviver à murú.

Depois de fazer algumas perguntas ressaltando o fato de terem sido atacados num passado recente, foi à vez de sua tia contar e atenuar a conduta do povo feio explicando ser o culpado, um chefe louco e fora morto pelos companheiros de tribo, pois, eram um povo de paz. Logo tomaram conhecimento do seu feito e que agora vinham com a missão de pedirem desculpas e se oferecerem para ajudar o povo bonito no que precisassem. Depois de muitas conversas e o feiticeiro reunir toda a tribo, fez um longo discurso sobre a necessidade de paz principalmente sabendo do poder de guerrear do povo feio. Convidaram Trov e sua comitiva para chegarem ao pátio da caverna, só aí Trov pode abraçar a mãe que o recebeu com muita alegria e demonstrando toda a saudade que sentira do filho, mesmo ele sendo diferente.

Depois ele assistiu o encontro da mãe com a tia que foi um festival de alegria com dança e gritos que contagiou toda a tribo que entrou em clima de festa com Trov cumprimentando sem rancor os antigos parentes e mostrando compreensão. Nem por um momento fazendo alarde pelo seu tamanho, muito maior que todos eles. Sua tia fez questão de contar a todos as grandes façanhas do seu sobrinho e entregando a irmã a pele da onça que ele matara como um presente. Trov também entregou os presentes ao feiticeiro, ele ficou admirado do rapaz ter conseguido. Os presentes eram de tal valia que sua tribo, agora seria respeitada por todas as tribos dos povos bonitos que não ousariam mais atacá-los principalmente quando soubessem da amizade firmada entre eles e os homens feios temidos por todos pela valentia e capacidade de luta.

A mãe de Trov estava toda sorridente com o neto branco no colo e ao lado da nora e do filho, mostrava-se orgulhosa. Agora poderia ter direito a marido e muitos pretendentes jovens que já estavam a disputá-la entre brincadeiras que logo se tornaria um jogo sério onde o mais forte ficaria com ela como esposa e a faria respeitada entre as outras mulheres da tribo. Trov ficou entre a tribo dentro da caverna, mas o cheiro nauseabundo agora era duro de aguentar. Se fosse viver ali com o tempo se acostumaria novamente, mas, preferia muito mais retornar e viver com sua nova tribo que era muito mais asseada e que ele agora sabia ser muito mais bonita.

Os guerreiros orientados por ele tinham dado uma desculpa de que ficariam mais a vontade no acampamento fora da morada se livrou da mazela da caverna. Isto não causou estranheza, muitos guerreiros ficavam até tarde fazendo companhia aos guerreiros de quem tentavam aprender a língua e até Trov e Kiví ficavam participando das conversas e se esticavam em um canto perto das fogueiras e abraçados ao filho dormiam se livrando também do bodum da caverna. Mesmo com os seus comandados mostrando vontade de retornar, Trov os persuadiu ficarem e sedimentar mais a amizade com o povo bonito, mas com o passar de uma lua grande longe da tribo, ele resolveu que era tempo de partir.

Conversou com os guerreiros mais graduados, a mãe e a tia e acertou a data da partida. Depois de uma grande festa de despedidas, certa manhã com sua mãe e tia chorando e o acompanhamento de quase toda a tribo por um longo trecho. Eles finalmente começaram a viagem de retorno, desta vez sem apreensões e mostrando alegria pelo bom desempenho da missão e por que em breve reveriam os parentes. Teriam festas de recepção onde contariam as histórias e acrescentariam feitos diferentes que cada guerreiro trataria de criar à sua maneira e que seria visto com respeito por todos.

Trov com o devido consentimento de kivi tomou mais três mulheres como esposa, kivi via feliz o marido criando uma prole cheia de saúde e ela com uma posição invejável de primeira esposa, envelhecia junto com seu amado de quem quase arrancara o pinto. Esta lembrança era uma das que nas festas era contada como história para que as grandes tribos cada vez mais gostassem e respeitassem o supremo chefe de todas as sete tribos agora espalhadas ao longo do grande rio.

Os homens e mulheres daqueles tempos não viviam por muitos anos e quarenta anos era um tempo longo, mas não medido. Trov com espírito aventureiro reuniu uma expedição de quarenta guerreiros e partiu em busca do grande Jat-biú e a onça branca. Apenas doze guerreiros da expedição retornaram depois de errarem pelas florestas, as notícias que trouxeram, davam conta da morte do grande chefe que tombara em luta contra feras gigantes. Assim o Trovador das cavernas se foi e retornou. Nasceu e morreu tantas vezes, que se comprarem o livro, pode ser que eu escreva outro que volte a falar dele, por exemplo, quando reencarnou como um escravo, reprodutor e depois foi castrado, mas isto é outra história. Por enquanto, ele volta como Trovulino que nasceu em mil oitocentos e oitenta e seis e começa sua história aos vinte e seis anos casado com uma fogosa mulher chamada Juversina e... Bem, este é o próximo conto.

